

## Conhecimento e uso das plantas da caatinga por agricultores locais moradores de uma comunidade rural do Município de Pesqueira Estado de Pernambuco

Knowledge and use of caatinga plants by local farmers living in a rural community in the municipality Pesqueira State of Pernambuco

Recebido em 07/04/2017. Aprovado em 28/04/2017.

**Ailza Maria de Lima-Nascimento\***

Universidade Federal da Paraíba - UFPB | \* ailzamlima@gmail.com

**José Severino Bento-Silva; Elba Maria Nogueira Ferraz Ramos**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE

### RESUMO

A caatinga é um bioma exclusivo do Brasil e apesar de sua deficiência hídrica possui uma vegetação capaz de oferecer diversos bens primários e serviços ambientais para as comunidades inseridas neste ecossistema. A pesquisa objetivou conhecer a riqueza de espécies vegetais existentes na comunidade rural do Sítio Marimbas, Pesqueira – Pernambuco (Nordeste brasileiro), a partir do conhecimento dos moradores, assim como identificar os diferentes usos das plantas. O trabalho foi conduzido por meio de entrevistas semiestruturadas e listas livres. A maioria das plantas citadas são nativas reforçando a necessidade de atenção quanto sua exploração e conservação. Foram mencionadas 117 espécies, pertencentes a 48 famílias, sendo 71 nativas e 38 exóticas. As famílias mais representativas em relação a riqueza foram Euphorbiaceae (9), Caesalpinaceae (9), Anacardiaceae (7) e Cactaceae (6). Obteve-se 671 citações de usos para as 117 espécies mencionadas, distribuídas em sete categorias: alimento, combustível, construção, medicinal, ração animal, sombra e tecnologia. A categoria medicinal obteve maior número de citações (42%), seguida por alimento (30%), construção (26%), ração animal (24%), combustível (17%), tecnologia (16%) e sombra (12%). Observa-se que os moradores possuem elevado conhecimento sobre as plantas, assim como dependem das mesmas para desenvolver suas atividades de subsistência.

**Palavras-chaves:** etnobotânica, manejo e conservação da caatinga, semiárido

### ABSTRACT

The caatinga is an exclusive biome of Brazil and although its water deficiency has a vegetation capable of offering several primary goods and environmental services to the communities inserted in this ecosystem. The objective of this research was to know the richness of plant species existing in the rural community of the Marimbas, Pesqueira – Pernambuco (Brazilian Northeast), based on residents' knowledge, as well as to identify the different uses of plants. The work was conducted through semi-structured interviews and free lists. Most of the plants cited are native enhancing the need for attention as far as their exploration and conservation. There were 117 species belonging to 48 families, of which 71 were native and 38 exotic. The most representative families in relation to wealth were Euphorbiaceae (9), Caesalpinaceae (9), Anacardiaceae (7) and Cactaceae (6). There were 671 citations of uses for the 117 species mentioned, distributed in seven categories: food, fuel, construction, medicinal, animal feed, shade and technology. The medical category obtained the highest number of citations (42%), followed by food (30%), construction (26%), animal feed (24%), fuel (17%), technology (16%) and shadow (12%). It is observed that the inhabitants have high knowledge about the plants, as well as depend on them to develop their subsistence activities.

**Keywords:** ethnobotanical, management and conservation of the caatinga, Semi-arid.

## **1. Introdução**

Desde o surgimento e estabelecimento da humanidade o ser humano mantém relações para com o meio ambiente (Machado, 1984). Estas relações podem estar ligadas às características culturais das comunidades onde se vive e serem estabelecidas de modo favorável ou não para a regeneração do ecossistema (Albuquerque et al., 2013; Lucena et al., 2015), características estas, que podem ser adquiridas por meio das crenças e costumes locais ao longo de gerações, e potencializadas ou perdidas com o passar do tempo (Lima, 1984).

As relações que os seres humanos estabelecem para com os recursos vegetais são estudados pela etnobotânica, ciência que objetiva resgatar o saber botânico tradicional (Guarim Neto et al., 2000), o qual se dá pela experiência empírica acumulada ao longo do tempo pelas pessoas e revela uma grande riqueza que nem sempre é valorizada (Marques et al., 2009). Os estudos etnobotânicos indicam que as paisagens e comunidades vegetais sempre são afetadas pelas pessoas, as quais promovem o manejo desses recursos selecionando as plantas, alterando seus ciclos de vida, reprodução, padrões de mortalidade e sobrevivência de suas populações, além disso, modificam e tiram vantagens das defesas químicas para seu benefício (Albuquerque & Andrade, 2002).

A Caatinga com toda sua biodiversidade oferece vários bens primários que são utilizados pelas pessoas tais como; alimento humano, ração animal, uso medicinal, construção, usos madeireiros e energéticos entre outros (Albuquerque & Andrade, 2002; Ferraz et., al 2006; Lucena et., al 2012; Lima et al., 2016; Maia, 2004). Este bioma que é exclusivo do Brasil ocupa grande parte do Nordeste. O mesmo ocorre em partes dos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais (Maia, 2004), é caracterizado pelo clima

semiárido, ou seja, possui baixo índice pluviométrico em maior parte do ano, devido o fenômeno da sazonalidade climática, e também altas taxas de evaporação o que faz dos meses em sua maioria quentes e secos, restando poucos meses de chuvas intensas (Albuquerque et al., 2010), pode apresentar um solo pouco fértil, raso e que varia de pedregoso a arenoso, com baixa capacidade de retenção de água (Gusmão et al., 2016; Velloso et al., 2001). Porém apesar das desfavoráveis condições climáticas, a caatinga é reconhecida por ter uma diversidade florística alta para um bioma com restrições tão limitantes (Gariglio et al., 2010).

A forte pressão extrativista da caatinga no estado de Pernambuco tem trazido riscos para sua conservação, fazendo com que seja necessária uma atenção especial (Albuquerque et al., 2010), de modo que, as comunidades locais possuem um importante papel na busca pela manutenção desses recursos, para isso é fundamental o estabelecimento de práticas sustentáveis nas comunidades rurais, as quais poderão ser melhor aplicadas a partir do entendimento de como se dão as relações dos moradores locais para com os recursos ambientais disponíveis analisando como o conhecimento local pode contribuir para a manutenção e conservação dos mesmos.

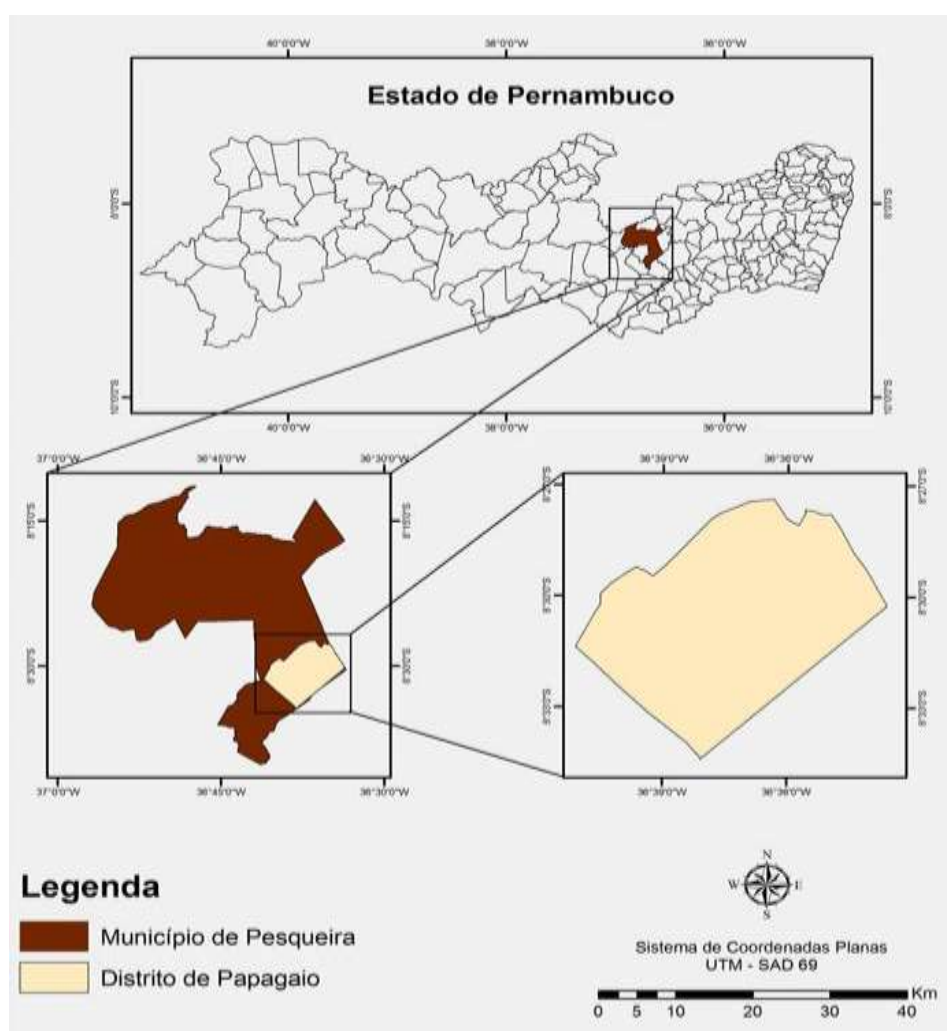
O presente artigo objetivou conhecer a riqueza de espécies vegetais existentes na comunidade rural do Sítio Marimbas – Pesqueira/PE a partir do conhecimento dos moradores, assim como identificar os diferentes usos das plantas.

## **2. Materiais e Métodos**

### **2.1 Área de Estudo**

A pesquisa foi realizada na comunidade rural do Sítio Marimbas localizado cerca de 32 km da cidade – sede Pesqueira/PE (Figura 1). O município fica no Agreste do estado, Região de Desenvolvimento Central, e possui clima quente e úmido com

uma vegetação típica de caatinga hipoxerófila (CONDEPE/FIDEM, 2013). A comunidade estudada está inserida na Bacia Hidrográfica do Rio Ipojuca (CPRH, 2011) com uma população residente de 35 famílias segundo a Secretaria Municipal de Saúde em 2014. Todos os moradores são agricultores familiares e sobrevivem por meio da prática de agricultura de subsistência através do cultivo de mandioca, milho e feijão. Além disso, mantêm pequenas criações de animais, como, galinhas, porcos, gado entre outros.



**Figura 1.** Mapa de localização da área de estudo. Fonte: BEZERRA, R.J, 2014

## **2.2 Coleta dos Dados**

Os dados foram coletados por meio da técnica de entrevista semiestruturada e lista livre. A entrevista se dividiu em três etapas, a primeira delas objetivou a coleta dos dados socioeconômicos, na segunda, foram abordadas questões sobre percepção ambiental e por último pediu-se para que os informantes dissessem todas as plantas da caatinga que conhecem e usam onde fez-se o uso do método de lista livre. Todas as residências foram visitadas em forma de senso e priorizou-se entrevistar os moradores mais velhos e/ou chefes de família, foram então realizadas 24 (vinte e quatro) entrevistas, de modo que, 4 (quatro) residências estavam fechadas na hora da visita, 3 (três) moradores não puderam responder por questão de doença e os outros 4 (quatro) não quiseram participar. Todos os envolvidos na pesquisa foram informados dos objetivos do estudo e informados sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) onde atestaram sua participação e permitiram o posterior uso das informações. As plantas citadas foram organizadas em 7 (sete) categorias, sendo elas; medicinal, alimento, construção, ração animal, combustível, tecnologia e sombra. E para conhecer a riqueza de espécies citadas pelos moradores foi feita uma análise e identificação das plantas por uma especialista da área, baseada na consistência dos nomes vulgares e na literatura.

### **3. Resultados e discussão**

#### **3.1 Riqueza de espécies**

A população amostrada mencionou conhecimento de 117 espécies de plantas pertencentes a 48 famílias, sendo 71 espécies nativas e 38 exóticas (Tabela 1). Para oito das plantas citadas não foi possível identificar a espécie e nem a origem. No caso do uso da caatinga no agreste pernambucano Albuquerque e Andrade (2002) apontam que a comunidade estudada identificou ao todo 75 espécies e destas apenas 21 foram plantas nativas lenhosas da caatinga. A comunidade estudada pelos autores

fica no sítio Laje do Carrapicho/Alagoinha município vizinho à cidade de Pesqueira. De acordo com Ferraz et al., (2006) no Riacho do Navio em Floresta – PE os informantes identificaram usos para 34 espécies lenhosas nativas da mata ciliar, as quais pertencem a 17 famílias botânicas. Desse modo percebe-se, portanto, que os moradores do Sítio Marimbas demonstram conhecimento superior sobre a riqueza de plantas quando comparada às estudadas nesses dois trabalhos.

As famílias mais representativas em relação ao número de espécies foram Euphorbiaceae (9), Caesalpiniaceae (9), Anacardiaceae (7) e Cactaceae (6). As três primeiras famílias também foram citadas como de elevada riqueza no trabalho de Florentino et al. (2006), em estudo sobre a contribuição dos quintais agroflorestais na conservação de plantas da caatinga no Município de Caruaru.

<b>Família/Espécie</b>	<b>Nome Vulgar</b>	<b>Origem</b>
<b>1. Anacardiaceae</b>		
<i>Anacardium occidentale</i> L.	1. Caju	Exótica
<i>Mangifera indica</i> L.	2. Manga	Exótica
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Engl.	3. Aroeira	Nativa
<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	4. Barauna	Nativa
<i>Spondias purpurea</i> L.	5. Seriguela	Exótica
<i>Spondias tuberosa</i> Arr. Cam.	6. Umbuzeiro	Nativa
<b>2. Annonaceae</b>		
<i>Annona muricata</i> L.	7. Graviola	Exótica
<i>Annona squamosa</i> L.	8. Pinha	Exótica
<b>3. Apocynaceae</b>		
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	9. Pereiro	Nativa
<b>4. Asteraceae</b>		
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	10. Espinho-de-cigano	Exótica
<i>Egletes viscosa</i> Less.	11. Marcela	Exótica
<b>5. Bignoniaceae</b>		
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Standl.	12. Pau d'arco	Nativa
<b>6. Cactaceae</b>		
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	13. Mandacaru	Nativa

<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	14. Palma	Exótica
<i>Pilosocereus pachycladus</i> F. Ritter.	15. Facheiro	Nativa
<i>Pilosocereus gounellei</i> (A. Weber ex K. Schum.) Bly. ex Rowl	16. Alastrado	Nativa
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton e Rose) Lutzellb.	17. Coroa-de-frade	Nativa
<i>Tacinga-inamoena</i> k. Schum	18. Quipá	Nativa
<i>Arrojadoa rhodantha</i> (Gürke) Britton & Rose	19. Rabo-de-raposa	Nativa
<b>7. Caesalpinaceae</b>		
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	20. Mororó	Nativa
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	21. Pau-ferro	Nativa
<i>Senna uniflora</i> (P. Mill.) H.S. Irwin & Barneby	22. Mata-pasto	Nativa
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	23. Pata-de-vaca	Nativa
<i>Senna macranthera</i> (Collad.) H.S. Irwin & Barneby	24. Canafístula-da-grande	Nativa
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	25. Jucá	Nativa
<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	26. Catingueira	Nativa
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	27. Jatobá	Nativa
<i>Senna martiana</i> (Benth.) H.S. Irwin e Barneby	28. Canafístula	Nativa
<b>8. Capparaceae</b>		
<i>Capparis flexuosa</i> L.	29. Feijão-bravo	Nativa
<i>Capparis jacobinae</i> Moric.	30. Incó	Nativa
<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	31. Mussambê	Nativa
<b>9. Caricaceae</b>		
<i>Carica papaya</i> L.	32. Mamão	Exótica
<b>10. Celastraceae</b>		
<i>Maytenus rigida</i> Mart.	33. Bom-nome	Nativa
<b>11. Chenopodiaceae</b>		
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	34. Mastruz	Exótica
<b>12. Euphorbiaceae</b>		
<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	35. Urtiga	Nativa
<i>Croton argyrophylloides</i> Muell.	36. Sacatinga	Nativa
<i>Croton blanchetianus</i> Baill	37. Marmeleiro	Nativa
<i>Croton rhamnifolius</i> Muell. Arg.	38. Velame	Nativa
<i>Jatropha curcas</i> L.	39. Pinhão-bravo	Nativa
<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	40. Pinhão-manso	Nativa
<i>Manihot glaziovii</i> Muell. Arg.	41. Maniçoba	Nativa
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	42. Aveloz	Exótica
<i>Sapium lanceolatum</i> (Müll.Arg.) Huber	43. Burra-leiteira	Nativa
<b>13. Fabaceae</b>		
<i>Amburana cearenseis</i> (Arr. Cam.) A.C. Smith	44. Imburana-de-cheiro	Nativa
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	45. Mulungu	Nativa

<b>14. Lamiaceae</b>		
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	46. Alfavaca	Exótica
<i>Melissa officinalis</i> L.	47. Cidreira	Exótica
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	48. Hortelã	Exótica
<b>15. Malpighiaceae</b>		
<i>Malpighia glabra</i> L.	49. Acerola	Exótica
<b>16. Mimosaceae</b>		
Indefinida	50. Avoador	*
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell).	51. Angico-de-carçoço	Nativa
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	52. Jurema-preta	Nativa
<i>Pithecelobium diversifolium</i> Benth	53. Carcará	Nativa
<i>Piptadenia stipulacea</i> Ducke.	54. Rasga-beiço	Nativa
<i>Piptadenia zehntneri</i> Harms	55. Angico-liso	Nativa
<i>Prosopis juliflora</i> DC.	56. Algaroba	Exótica
<b>17. Myrtaceae</b>		
<i>Eucalyptus</i> sp.	57. Eucalípto	Exótica
<i>Eugenia uvalha</i> Cambess.	58. Ubaia	Nativa
Indefinida	59. Pirim	*
<i>Myrciaria cauliflora</i> Berg.	60. Jabuticaba	Nativa
<i>Psidium guajava</i> L.	61. Goiaba	Exótica
<b>18. Poaceae</b>		
<i>Cymbopogon Citratus</i> (DC) Stapf.	62. Capim-santo	Exótica
<b>19. Rhamnaceae</b>		
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	63. Juá	Nativa
<b>20. Rutaceae</b>		
<i>Citrus aurantium</i> L.	64. Laranja	Exótica
<i>Ruta graveolens</i> L.	65. Arruda	Exótica
<b>21. Sapindaceae</b>		
<i>Serjania comata</i> Radlk.	66. Ariú	Nativa
<i>Talisia esculenta</i> (St. Hil.) Radlk.	67. Pitomba	Exótica
<b>22. Sapotaceae</b>		
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. E Schult.) T.D Penn.	68. Quixaba	Nativa
<b>23. Solanaceae</b>		
<i>Solanum paniculatum</i> L.	69. Jurubeba	Nativa
<b>24. Verbenaceae</b>		
<i>Lippia alba</i> (Mill.) Brow.	70. Erva-cidreira	Nativa
<i>Lippia sidoides</i> Cham.	71. Alecrim	Nativa
<b>25. Curcubitaceae</b>		
<i>Momordica charantia</i> L.	72. Melão-bravo	Nativa



---

<b>26. Lauraceae</b>		
<i>Persea americana</i> Mill	73. Abacate	Exótica
<b>27. Agavaceae</b>		
<i>Agave sisalana</i> Perrine	74. Agave	Exótica
<b>28. Tiliaceae</b>		
<i>Luehea divaricata</i> Mart. et Zucc.	75. Alenta-cavalo	Nativa
<b>29. Fabaceae</b>		
<i>Indigofera anil</i> L.	76. Anil	Nativa
<i>Phaseolus vulgaris</i> L	77. Feijão	Exótica
<i>Stylosanthes guianensis</i> (AUBL.) SW.	78. Mineirão	Exótica
<i>Senna occidentalis</i> (L.) H.S. Irwin & R.C. Barneby	79. Mangerioba	Nativa
<b>30. Myrtaceae</b>		
- <i>Myrciaria floribunda</i> (West ex Willd.) O. Berg.	80. Cambuí	Nativa
<b>31. Poaceae</b>		
<i>Pennisetum purpureum</i> , Schum	81. Capim-elefante	Exótica
<i>Rhynchelytrum repens</i> (Willd.) C. E. Hubb	82. Capim-rosado	Exótica
<i>Panicum maximum</i> Jacq.	83. Capim-sempre-verde	Exótica
<i>Zea mays</i> L	84. Milho	Exótica
<b>32. Combretaceae</b>		
<i>Thiloua glaucocarpa</i> (Mart.) Eichler	85. Cipaúba	Nativa
<b>33. Zingiberaceae</b>		
<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	86. Colônia	Exótica
<b>34. Apiaceae</b>		
<i>Pimpinella anisum</i> L	87. Erva-doce	Exótica
<b>35. Rubiaceae</b>		
<i>Richardia grandiflora</i> (Cham. & Schtdl.) Steud.	88. Ervanço	Nativa
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum	89. Quina-quina	Nativa
<i>Borreria densiflora</i> DC.	90. Vassoura-de-botão	Nativa
<b>36. Mimosaceae</b>		
<i>Acacia</i> sp.	91. Espinheiro-branco	Nativa
<b>37. Apocynaceae</b>		
<i>Nerium oleander</i> L.	92. Espirradeira	Exótica
<b>38. Boraginaceae</b>		
<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arrabida ex Steudel	93. Frejorge	Nativa
<i>Cordia leucocephala</i> Moric.	94. Moleque-duro	Nativa
<b>39. Rutaceae</b>		
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	95. Limãozinho	Nativa
<b>40. Lauraceae</b>		
<i>Ocotea</i> sp.	96. Louro	Nativa

---

<b>41. Bromeliaceae</b>		
<i>Bromelia laciniosa</i> Mart. ex Schult. f.	97. Macambira	Nativa
<b>42. Euphorbiaceae</b>		
<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	98. Macaxeira	Nativa
<i>Ricinus communis</i> L.	99. Mamona	Exótica
<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	100. Mandióca	Nativa
<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	101. Pau-de-leite	Nativa
<i>Dalechampia filicifolia</i> L.	102. Tamiarana	Nativa
<i>Croton argyrophyloides</i> Muell. Arg.	103. Rama-branca	Nativa
<b>43. Malvaceae</b>		
<i>Sida cordifolia</i> L.	104. Malva	Nativa
<i>Herissantia crispa</i> L. (Brizicky)	105. Mela-bode	Nativa
<i>Sida</i> sp.	106. Relógio	Exótica
<b>44. Cucurbitaceae</b>		
<i>Citrullus Lanatus</i> L.	107. Melancia	Exótica
<b>45. Nyctaginaceae</b>		
<i>Guapira laxa</i> (Netto) Furlan	108. Piranha	Nativa
<b>46. Punicaceae</b>		
<i>Punica granatum</i> L.	109. Romã	Exótica
<b>47. Asteraceae</b>		
<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	110. Quitoco	Exótica
<b>48. Scrophulariaceae</b>		
<i>Scoparia dulcis</i> L.	111. Vassourinha-fina	Nativa
Indeterminada	112. Pimenta	*
Indeterminada	113. Cipó	*
Indeterminada	114. Coração	*
Indeterminada	115. Rabo-de-cavalo	*
Indeterminada	116. Samambaia	*
Indeterminada	117. Valmoura	*

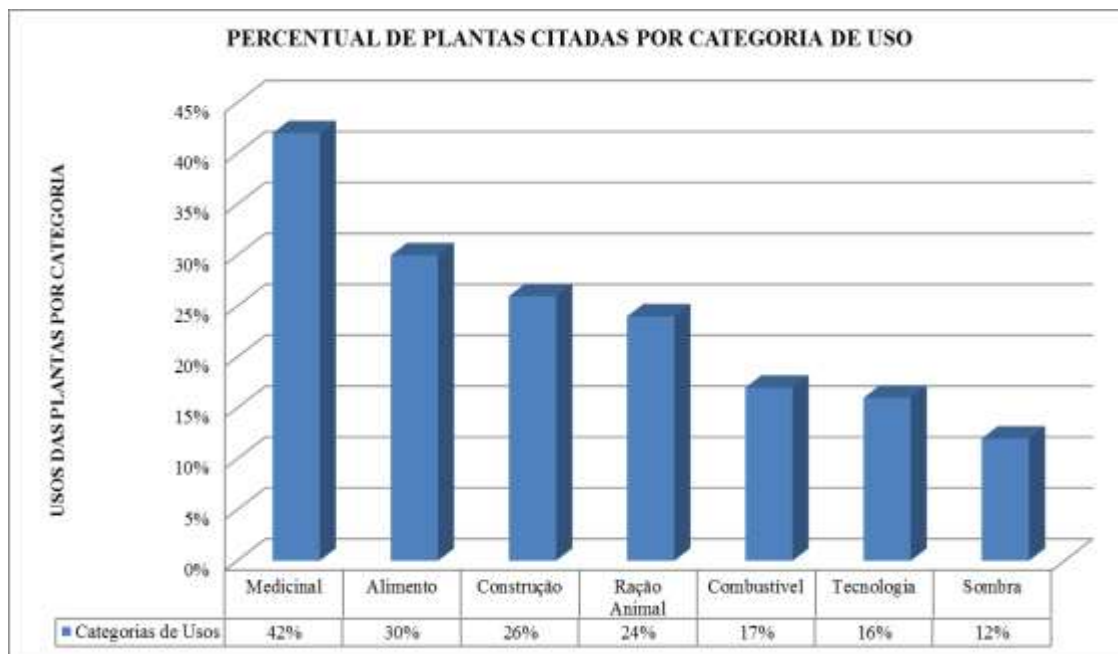
**Tabela 1.** Espécies vegetais citadas pela população amostrada do Sítio Marimbas – Pesqueira/PE, acompanhadas do seu nome popular e origem. \*: Plantas não identificadas.

Apesar da elevada riqueza de espécies citadas, observa-se ser considerável o número de plantas exóticas, aspecto este, que mostra necessário um acompanhamento junto à comunidade, não pelo o uso em si, já que grande número dessas plantas são fruteiras, sendo assim bastante úteis ao homem, porém, ressalta-

se a atenção em relação aos danos causados aos ecossistemas quando as plantas exóticas se tornam invasoras.

### **3.2. As Plantas e Seus Diferentes Usos**

Através das listas livres e entrevistas realizadas obtiveram-se 671 citações de usos para as 117 espécies de plantas mencionadas pelos 24 informantes, distribuídas em sete categorias: alimento, combustível, construção, medicinal, ração animal, sombra e tecnologia (Figura 2). A categoria medicinal obteve maior número de citações (42%), num total de 52 plantas, sendo as espécies mais citadas a *Amburana cearensis* (imburana-de-cheiro) com 46%, *Myracrodruon urundeuva* (aroeira) com 42% e *Sideroxylon obtusifolium* (quixaba) com 33%. Corroborando com o resultado de Albuquerque e Andrade (2001) sobre o conhecimento botânico tradicional e conservação de uma área de caatinga em Pernambuco, o qual também obteve a categoria medicinal com maior percentual de plantas. A *Amburana cearensis*, planta mais citada no presente trabalho, já consta na lista oficial do Ministério do Meio Ambiente (MMA) de espécies ameaçadas de extinção segundo a Instrução Normativa Nº 06 de 23 de setembro de 2008 (MMA, 2008).



**Figura 2.** Percentual de citações por categoria de uso mencionados pelos moradores do Sítio Marimbás, Município de Pesqueira – PE.

De acordo com Albuquerque et al., (2010) as plantas nativas da caatinga necessitam de uma atenção especial, de modo que estão sofrendo forte pressão extrativista devido à sua grande utilidade, não apenas pelo uso local, mas pela existência de um amplo mercado consumidor que se estende por todo o estado de Pernambuco. No caso de *Amburana cearensis* observa-se que na região do sertão do estado, a população dessa espécie está desaparecendo, o que faz necessária a criação de um plano e/ou programa voltado para a conservação dessa espécie.

A categoria alimento obteve o segundo maior número de plantas enquadradas com 30%, num total de 35 plantas citadas. A espécie *Spondias tuberosa* Arr. Cam. (umbu) apareceu em 92% das entrevistas como fonte de alimento. O Umbuzeiro é uma das plantas mais emblemáticas da caatinga e este número elevado de citações já era esperado devido seus diversos usos alimentícios, além de ser um dos escassos frutos nativos da caatinga que apresenta tamanho potencial. De acordo com Lins Neto et al., (2010) o umbu é uma alternativa importante para a economia e recurso de

subsistência para comunidades rurais do semiárido. Porém, com a forte seca dos últimos anos que a região vem sofrendo, muitos umbuzeiros estão morrendo e poucos estão se reproduzindo para suprir esta demanda alimentícia.

A categoria construção ficou com 26% das citações, e as plantas mais citadas foram; *Mimosa tenuiflora* - 79% (jurema-preta); *Prosopis juliflora*, *Piptadenia zehntneri*, *Anadenanthera colubrina*, *Schinopsis brasiliensis* - obtiveram sucessivamente 42% (algaroba, angico-liso, angico-de-carço e baraúna) Nessa categoria observa-se um dado positivo que é o uso da algaroba, pois se a população usa para esse fim uma planta exótica/invasora ganha-se em contrapartida com um menor uso teórico das espécies nativas que atenderiam a mesma finalidade de uso. Entretanto, na prática não sabemos se essa forma de pensar é levada em conta. Se sim, certamente minimizaria o impacto sobre as populações nativas e sobre o ecossistema como um todo.

Ração animal (forragem) aparece na quarta posição com o percentual de 24% e as espécies mais citadas para este uso foram o *Cereus jamacaru* - 100% (mandacaru), *Pilosocereus pachycladus* - 79% (facheiro) e a *Opuntia ficus-indica* - 62% (palma) todas fazem parte da família Cactaceae uma das que obteve maior riqueza de espécies. Constata-se que o fato da palma aparecer com o terceiro maior percentual e o mandacaru com o primeiro foi devido o fenômeno da seca pelo qual a localidade ainda vem passando, de modo que o uso do mandacaru e do facheiro se dão como alternativas, já que não é favorável o cultivo da palma por essa questão, bem como devido o ataque via a cochonilha da palma forrageira que vem dizimando as áreas de cultivo. No caso do Riacho do Navio como apontam Ferraz et al., (2006) a categoria que obteve um maior número de espécies foi forragem e verificou-se que

a razão para isso é devido à forte tradição local na criação de animais, além desta, a categoria medicinal também apresentou riqueza elevada na citação das espécies.

Ressalta-se a preocupante situação com relação a pressão de uso que vêm sofrendo as populações de *Cereus jamacaru* e *Pilosocereus pachycladus* para alimentar os animais domésticos (bovinos, equinos, caprinos e ovinos) em decorrência da seca continuada que leva a falta de pastagem, restando como opção do homem do campo alimentar seus animais com as plantas nativas encontradas na região e que se prestam como forrageiras. Dentro desse cenário destaca-se que as populações dessas duas espécies tem sofrido cortes sucessivos para atender a demanda de alimento, mas não há tempo necessário e nem condições climáticas favoráveis para renovação dessas populações devido limitar dois processos ecofisiológicos básicos, a saber: 1) capacidade de “rebrotar” dos indivíduos que ficam vivos, pois a água não é suficiente e nem o curto espaço de tempo entre um corte e outro, fazendo com que esses indivíduos não consigam sobreviver e acabem morrendo; 2) a reprodução sexuada, pois se as plantas estão cortadas não vão florescer e conseqüentemente não produzirão frutos e sementes, comprometendo a germinação e renovação das populações. É notório que essa pressão continuada levará a redução do tamanho das populações dessas duas espécies e perda de variabilidade genética. Além do forte uso, a fragmentação e a perda de qualidade dos habitats são ameaças frequentes para essas plantas (Zappi et al., 2011).

Por fim observa-se que as categorias de combustível, tecnologia e sombra aparecem com menos de 20% do total de plantas mencionadas. Dessas categorias, busca-se entender porque sombra aparece com pouca representatividade, pois se a maioria das plantas nativas da caatinga é caducifólia e isso faz parte da realidade/cotidiano dessa comunidade esse aspecto pode não ser relevante, pois não

afeta diretamente a sobrevivência deles nem dos animais. Entretanto, a baixa indicação para combustível, tendo o uso da lenha como foco, aparece como um cenário mais recente quando se pensa no ambiente das caatingas, pois esse tipo de uso sempre foi muito recorrente. Imagina-se que esse resultado seja reflexo dos programas de governo, a exemplo do auxílio gás, que estão contribuindo para diminuição do uso da lenha para cozinhar em detrimento do uso do gás de cozinha.

#### **4. Conclusões**

Os resultados apresentados neste trabalho mostram que a comunidade estudada conhece os recursos naturais da flora existente, assim como dependem dos mesmos para desenvolver suas atividades de subsistência. As plantas citadas são em sua maioria nativas da caatinga o que reforça a necessidade de maior atenção quanto à exploração desses recursos vegetais, na comunidade não são utilizadas técnicas conservacionistas de manejo florestal que visa o uso sobre os recursos de maneira controlada e/ou planejada, bem como ações que visem melhorar o status de conservação das espécies mais utilizadas. A partir destes resultados recomenda-se a realizações de levantamentos voltados para estudos fitossociológicos buscando investigar a real disponibilidade das plantas que sofrem maior pressão de uso, assim como, a criação e implantação de ações de educação ambiental voltadas para a conservação dos recursos florestais do bioma caatinga.

#### **5. Referências**

ALBUQUERQUE, U. P.; MEDEIROS, P. M. **What is Evolutionary Ethnobiology. Ethnobiology and Conservation.** 2013.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica.** Volume 1. Recife-PE: Nupeea, 2010.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Recursos Vegetais da Caatinga: O Caso do Agreste de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência**, 2002.

CONDEPE-FIDEM. Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco. **Pernambuco em Mapas**, 2013.

CPRH. Agência Estadual do Meio Ambiente. **Bacias Hidrográficas de Pernambuco**, 2011.

FERRAZ, J. S. F.; ALBUQUERQUE, U. P.; MEUNIER, I. M. J. Valor de uso e estrutura da vegetação lenhosa às margens do riacho do Navio, Floresta, PE, Brasil. **Acta bot. bras.** 20(1): 125-134. 2006

FLORENTINO, A. T. N; ARAÚJO, E. L e ALBUQUERQUE, U. P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta bot. bras.** 21(1): 37-47. 2007.

GARIGLIO, M. A.; SAMPAIO, E. V. S. B.; CESTARO, L. A.; KAGEYAMA, P. Y. **Uso sustentável e conservação dos recursos florestais da caatinga**. Brasília: Serviço Florestal Brasileiro: il.color, 368p, 2010.

GUARIM, N; SANTANA, S.R. & SILVA, J.V.B. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae Jussieu. **Acta Botanica Brasilica** 14(3): 327-334. 2000.

GUSMÃO, L.F.P.; QUEIROZ, L.P.; QUIJANO, F.R.B.; JUNCÁ, F.A.; Oliveira, R.P.; Baseia, I.G. **Conhecendo a biodiversidade** / Organizadores Ariane Luna Peixoto, José Roberto Pujol Luz, Marcia Aparecida de Brito.. – Brasília: MCTIC, CNPq, PPBio, 191 p, 2016.

LIMA, G.D.S.; LIMA, J.R.F.; SILVA, N.; OLIVEIRA, R.S.; LUCENA, R.F.P. Inventory in situ of plant resources used as fuel in the Semiarid Region of Northeast Brazil. **Brazilian Journal of Biological Sciences**, v. 3, no. 5, p. 45-62. 2016.

LIMA, M. J. A. **Ecologia Humana: realidade e Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1984.

LINS NETO, E. M. F.; PETRONI, N. e ALBUQUERQUE, U. P. Traditional Knowledge and Management of Umbu (*Spondias tuberosa*, Anacardiaceae): An Endemic Species from the Semi-Arid Region of Northeastern Brazil. **Economic Botany**, 64 (1), pp. 11 – 21, 2010.

LUCENA, C. M; RIBEIRO, J. E.S; NUNES, E. N; MEIADO, M. V; Quirino, Z. G.M.; Casas, A. e Lucena, R. F.P. **Distribuição local de *Cereus jamacaru* dc.subsp. *Jamacaru* e *Pilosocereus pachycladus* f. *Ritter* subsp. *Pernambucoensis* (f. *Ritter*) *zappi* (cactaceae) e sua relação com uma comunidade rural no município do Congo, Paraíba**. 2015.

LUCENA, C. M; COSTA, G. G. S; CARVALHO, T. K. N; Guerra, N. M; Quirino, Z. G. M; Lucena, R. F. P. **Uso e conhecimento de cactáceas no município de São Mamede (Paraíba, Nordeste do Brasil)**. 2012.

MACHADO, P. A. **Introdução a Ecologia Humana**. São Paulo: CORTEZ, 1984.

MAIA, G. N. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades**. 1. ed. - São Paulo: D&Z Computação Gráfica e Editora, 2004.

MARQUES, M. S; LACERDA, V. D; GIRALDI, M; ULYSSÉA, M. A; ASSIS, A. L. A. A; PERONI, N; HANAZAKI, N. Valorização do conhecimento etnobotânico dos moradores do sertão do ribeirão, Florianópolis/SC – Brasil. **Revista Eletrônica de Extensão**, ISSN 1807-0221: Florianópolis, Ano 7, n. 9, p. 47-58, 2010.



Ministério do Meio Ambiente (MMA). Instrução Normativa Nº 06, de 23 de Setembro de 2008. Ministério de Meio Ambiente.

RESOLUÇÃO Nº 466, de 12 de Dezembro de 2012.

VELLOSO, A. L.; SAMPAIO, E. V. S. B.; PARENRY, F. G. C. **Ecorregiões – propostas para o bioma Caatinga**. Recife: Associação Plantas do Nordeste; Instituto de Conservação Ambiental The Nature Conservancy do Brasil, 2002.

ZAPPI, D. [Et al]. **Plano de Ação Nacional para a Conservação das Cactáceas** / organizadores: Suelma Ribeiro Silva. – Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Icmbio, (Série Espécies Ameaçadas, 24).112 p, 2011.